

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº17 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME II

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

17



A UNIVERSIDADE E O DIREITO

ALBERTO LINS CALDAS



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História

caldas@unir.br

A UNIVERSIDADE E O DIREITO

Uma sociedade frágil, roída, consumida e abastardada por infindáveis quarteladas e golpes de estado fascistas como o de 1964; politicamente corrupta, porque o dinheiro vem antes da comunidade e seu sentido; intelectualmente capacho, porque jamais conseguiu abandonar a subserviência desde a pronúncia até as principais idéias; popularmente servil, amansada duramente por séculos de crença, favores e milagres; secularmente injusta, porque a lei não pode jamais ser feita "para o pobre", pois é coisa de Classe e de Estado; capada e recapada até não restar senão um gemido ridículo, humilde e metido a besta; curvada e recurvada, batida e rebatida. Sobre esta massa podre (que é o povo, sempre o povo!) impera, momento sim momento não, cada fatia de um Poder qualquer: uma vez é o momento dos coronéis, depois dos tenentes, depois dos generais; chega o momento do imperador, do governador, do presidente, do prefeito; passa o momento dos estudantes, dos jovens, das modas e chega o momento das mídias; passa o momento dos senhores de terra e chega o momento dos senhores das fábricas; passa o momento do Executivo, chega o do Legislativo; passa o momento do narcotráfico chega o momento do Judiciário. Cada momento destes, que não passam e se completam e se interpenetram, é o Horror! A supremacia da ignorância, do fascismo, da brutalidade, da insensibilidade, da delação: o momento da lei, da ordem, da pátria, da terra, da bandeira, da tortura, do exílio, da cotidiana passividade: momentos que causam dor, causam angústia, causam descrédito.

Estamos num destes grandes momentos na Universidade: o momento do Direito! Vamos a ele! Compreendamos isso mais profundamente. Por partes, como deve agir o bom açougueiro.

Primeiro, a "história" da UFRO (pronunciem U EFE ERRE Ó!) é rasgada por professores e alunos se processando numa velocidade vertiginosa. Havia um tempo onde praticamente todos estavam processados. A UFRO passou por uma lavagem desmoralizante inimaginável. E todos os processantes ainda não entenderam que agindo assim desmoralizavam, diminuía e afundavam a Universidade, seu poder e sua autonomia: as ratazanas não se remedaram e ainda não entenderam que deve ser na Universidade o âmbito e o campo das nossas lutas. E se denunciavam e se processavam como quem escova ou palita os dentes: somente um "professor de segundo grau" deixa o espaço acadêmico e processa um aluno ou um professor (a não ser em raríssimos casos que clamem realmente a Justiça e isso não diga respeito ao universo acadêmico): com isso o Estado sempre saiu ganhando: com isso certa posição fascista do Estado sempre saiu ganhando: com isso a Cidade sempre saiu ganhando: a inteligência foi deslocada do seu campo e foi jogada aos leões da polícia, dos tribunais e dos quartéis. Delegamos nosso poder, nossa capacidade, nossa inteligência, nosso talento, nosso campo: perdemos tudo quando "pomos na justiça";

Segundo, nesses últimos anos, com o enfraquecimento dos outros poderes, a Justiça tomou os espaços vagos: seja nos espaços legislativos, seja nos espaços executivos, seja nos espaços populares, seja nos espaços universitários: o Direito (entenda-se certos advogados e certos juizes!) avançaram nos campos vazios e plantaram suas regras, suas normas, suas leis, seus regimes, sua lógica, sua materialidade, sua experiência: encontrando espaços vazios pensaram que jamais haviam nele estado uma vida, uma experiência, uma lógica, uma filosofia, uma visão de mundo exata e precisamente oposta a sua. E passaram a criar o mundo a sua "imagem e semelhança": assim também na Universidade, onde o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado têm sua lógica própria, seu sentido íntimo, seu sentimento e seu corpo numa história somente sua, numa razão que somente a ela pertence;

Terceiro, unindo os dois pontos anteriores temos o inferno: não somente a justiça encontrou terreno vazio, baldio, inexplorado, como recebeu sesmaria, poder e mando de quem foi sempre uma maioria: os "professores de segundo grau". Desconhecedora tanto a justiça quanto os "professores de segundo grau" do que é uma Universidade, trataram de inventar uma que fosse o paraíso de cada um desses segmentos: os advogados a processarem em nome do justo e do verdadeiro; os juizes a julgarem por seus códigos e suas normas; as ratazanas saltando de alegria: tudo em nome da Justiça. E o Estado adorou: o MEC vibra com a Universidade "dentro da lei": processam uns aos outros como se fossem cada um por suas razões, quando são "razões de Estado" que os fazem lutarem entre si: o "cada um por si" já mostrou no capitalismo que é a melhor maneira de destruir todos aqueles que são minoria: um detalhe: na Universidade se somente um aceitar alguma idéia, alguma visão, esse um deve ser defendido até a morte;

Quarto, vemos advogados e juizes sem saberem o que é a Universidade: foram somente "alunos de direito": não criaram conhecimento: não pesquisaram: não geraram visões de mundo: não possuem a experiência da Universidade, sua autonomia intelectual que tanto incomoda exércitos, polícias e fascistas de todas as camisas: em vez de defendê-la deixando-a com sua liberdade, sua democracia, seu talento, tratam de arrasta-la para a Lei, para o Estado, para o campo onde a Universidade fenece, para o campo que deve ser exatamente aquilo que a Universidade deve combater: somente uma Universidade livre pode garantir o Direito, pode ensinar o Direito, pode formar o próprio Direito, antecedendo aos futuros juizes e advogados, um campo de liberdade, de Ética e de inteligência que deve anteceder o seu próprio universo: sem a Universidade plena, o Direito não existe: enquanto não entenderem isso não se tornarão verdadeiros juizes e advogados. Enquanto sem o Legislativo e sem o Executivo o Judiciário levantaria uma Nação, sem uma Universidade (entenda-se bem mais que uma instituição!), em pouco tempo toda a vida que levantou a Nação teria desaparecido no Terror (em todos os Terrors dos últimos duzentos e cinquenta anos havia sempre um Judiciário eficiente e uma Universidade castrada: sempre um Legislativo atuante e uma Universidade exilada: sempre um Executivo executando e uma Universidade silenciada);

Quinto, enquanto os professores da Universidade não entenderem sua importância na "ventilação" democrática, nas sutilezas da liberdade e da inteligência, não serão, por sua vez, Professores de Universidade, mas ratazanas de "segundo grau", antas da floresta. Enquanto não pudermos nós mesmos apanhar nossas ratazanas, não teremos nosso Direito; enquanto nos acompanharem como crianças, não teremos autonomia, enquanto nos inquirirem com a Lei, não seremos livres

para criar; enquanto cortarem nossa voz, não teremos consciência; enquanto nos coagirem com o Direito (o Estado, a Nação, a Ética, a Política, a Educação) não seremos Universidade, mas um campus avançado do Judiciário e o próprio judiciário não será nem pleno nem viverá o Direito, mas os sintomas dos regimes de força e das ilusões das corporações. É na Universidade onde nascem as fontes que circularão na Cidade: não é somente os "Três Poderes" livres que garantem a Democracia, mas a inteligência livre, diluidora, contestadora, protegida, respeitada e entendida que é a função primordial da Universidade: é na Universidade onde se sente em primeiro lugar os sintomas de uma sociedade viciada, fascista, truculenta, policialesca e burra. É a Universidade que, além do Direito, cria, ensina, protege e modifica a Justiça.

Para que se retome o sentido do Direito e a vocação da Universidade é preciso que tanto cidadãos quanto juizes, advogados e professores entendam profundamente o que é a Universidade e, com isso, se entenderá o próprio sentido do Direito. Não interferindo, não marcando, não ferrando com sua lógica e seu Poder aquilo que é sutil demais para resistir, e se não resistir é porque estamos numa nova fase ditatorial, seja do Exército, seja dos Coronéis, seja dos Juizes ou Advogados, seja dos professores. As ditaduras se vestem sempre com o alfaiate que se dispõe a vesti-las!

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

EU, PIERRE RIVIERE, QUE DEGOLEI MINHA MÃE, MINHA IRMÃ E MEU IRMÃO

MICHEL FOUCAULT

Graal

RESUMO: É resultado de um trabalho da equipe de Foucault, como parte de um importante projeto de análise das relações entre o discurso da psiquiatria e o discurso da justiça penal. Trata-se da publicação do dossiê do jovem que em 1835 matou mãe, irmã e dois irmãos. O caso compreende as peças judiciais do processo, as perícias médico-legais realizadas por psiquiatras e uma memória escrita pelo próprio autor do crime. Hoje aparece como uma evidência o poder que tem a psiquiatria de, diagnosticando a doença mental do criminoso, inocentar seu comportamento, confiando sua sorte a uma instituição terapêutica. Este livro, é um testemunho, pelas respostas teóricas e institucionais que suscitou, do nascimento da medicina psiquiátrica e seus desdobramentos na justiça

SUMÁRIO: O dossiê, o crime e a prisão, a instrução, o memorial, pareceres médico-legais; o processo; prisão e morte.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Psicologia, Lingüística.

Palavras-chave: poder, loucura, política, análise do discurso

